

ANÁLISE ERGOLÓGICA E DIALÓGICA: UM ITINERÁRIO INVESTIGATIVO DE PRÁTICAS LINGUAGEIRAS DO PROFESSOR DE INGLÊS

Carlos Fabiano de Souza
Mestrado/UFF

Orientadora: Luciana Maria Almeida de Freitas

Pode-se afirmar que cursos livres de idiomas (CLs) são espaços idiossincráticos de ensino de línguas estrangeiras (LEs), nos quais profissionais licenciados e não licenciados têm, de longa data, atuado ministrando aulas de língua inglesa (LI).

O exercício docente em escolas dessa natureza constitui-se em uma atividade específica de atuação profissional do professor de LE, com características empregatícias próprias e cujas práticas de ensino aplicadas nesses espaços educacionais diferem sobremaneira do modo como se dá o trabalho desse profissional na rede regular (oficial) de ensino.

É interessante notar que embora a LI em CLs ocupe um lugar de destaque no cenário brasileiro de ensino de LEs, com constante crescimento e expansão dessas instituições, notoriamente os bancos acadêmicos parecem negligenciar a sua importância, pois não se encontram pesquisas sobre eles na literatura especializada.

Podemos inferir que isso se dá em função de cursos desse ramo não serem regulamentados por órgãos do governo de cunho educacional (como o MEC, por exemplo). Assim, acreditamos que tem sido de interesse da comunidade acadêmico-científica apenas promover o levantamento de dados sobre o ensino-aprendizagem de LE na rede regular (oficial) de ensino. Em outras palavras, a falta de referencial teórico sobre cursos privados de idiomas caminha na contramão de um ramo de oferta de ensino de línguas que opera em território nacional há mais de 70 anos, com bastante sucesso e amplas perspectivas de longevidade, pois, de acordo com a Associação Brasileira de Franquias (ABF) – dados de 2012 – há mais de 70 redes de idiomas no Brasil. Cabe salientar que a oferta de curso de inglês em cursos livres é ainda maior, visto que esses dados não consideram as escolas que não funcionam como franquias de redes.

Partindo desse contexto, pretende-se com esta empreitada investigativa lançar uma lente de análise sobre CLs em Campos dos Goytacazes, município localizado no Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro (com uma população de mais de 450 mil habitantes, com a maior extensão territorial do estado e ocupando uma área pouco menor que a do Distrito Federal), por ser este um ramo de ensino de línguas em constante crescimento e expansão em toda essa região.

A cidade de Campos sempre foi reconhecida por ser um forte polo de exploração de petróleo e gás natural pela Petrobrás, sendo a cidade maior produtora de petróleo do Brasil, o que justifica a necessidade de se aprender a falar inglês por conta das exigências do mercado petrolífero. No entanto, pode-se dizer que, atualmente, a proliferação das escolas privadas de línguas se deve aos investimentos que têm sido feitos em virtude da construção do Superporto do Açú e do Complexo Logístico e Industrial Farol de São Tomé/Barra do Furado – empreendimentos cujo alcance prevê grandes estimativas de incremento da população (em ampla escala) e evolução do emprego ao longo dos próximos 10 anos, em virtude da implantação e operação destes complexos industriais.

Dito isso, o presente trabalho visa apresentar um itinerário de investigação delineado por um recorte teórico-metodológico de um projeto de mestrado em fase de desenvolvimento cuja intersecção se dá entre trabalho docente e linguagem. Nesse aspecto, pretende-se analisar as falas de professores de LI (licenciados e não licenciados) sobre o seu trabalho em cursos livres. Para tanto, ancoramos o nosso estudo na abordagem ergológica da atividade (SCHWARTZ, 1997), a qual nos permite abordar a realidade da atividade humana e, particularmente, a atividade de trabalho, sendo este complexo em função de ser composto por várias dimensões.

Pontua-se que a ergologia é uma perspectiva epistemológica pluridisciplinar em razão de a atividade humana ser muito complexa para se compreender e analisar a partir de uma única disciplina (TRINQUET, 2010). Nessa medida, tomamos por base ainda o enfoque que leva em conta a linguagem **sobre** o trabalho, concepção mobilizada do recorte metodológico desenvolvido por Lacoste (1998). Além disso, no que tange às práticas languageiras, nosso percurso investigativo também abarca a concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2011) – ligada à própria concepção de língua enquanto espaço de interação verbal. Por se tratar de um projeto em fase de desenvolvimento, cuja produção do *corpus* ainda está em fase inicial, não há resultados

a serem apresentados. Espera-se, assim, não apenas investigar as falas desses professores, mas, sobretudo, auxiliar na compreensão da complexidade do trabalho deste profissional, dando visibilidade para que esse sujeito e o seu trabalho sejam reconhecidos profissionalmente como legítimos dentro da esfera de atividade da qual fazem parte.

Em termos sequenciais, este trabalho está dividido da seguinte maneira: num primeiro momento, apresento algumas considerações acerca dos cursos livres de idiomas, levando em consideração as duas principais representações de profissionais que atuam ministrando aulas de LI nesses espaços de ensino, a saber: profissionais licenciados e não licenciados. Em seguida, ocupo-me de tecer algumas considerações sobre o nosso aporte teórico, o qual integra a vertente de estudos que se encontram na interface linguagem e trabalho. E, finalmente, apresento alguns apontamentos breves quanto à metodologia escolhida, culminando com as considerações finais.

Cursos livres de idiomas (CLs)

Segundo Schütz (2011),

Cursos de línguas são classificados como “cursos livres” pelo Ministério da Educação, não estando sujeitos a qualquer tipo de controle nem de reconhecimento. Tampouco as secretarias estaduais regulamentam cursos livres. Pode-se ensinar inglês assim como informática ou karatê (SCHÜTZ, 2011, aspas do autor).

Levando-se em conta o contexto da legislação brasileira – no qual não há menção aos cursos privados de línguas – entende-se que é bastante conflituosa a afirmação feita por Schütz (2011) ao dizer que esses cursos são classificados pelo Ministério da Educação como livres. De outra forma, acredita-se que, vulgarmente, tornou-se lugar comum chamar os cursos não regulamentados por lei específica de cursos livres por não ser mandatória a regularização de funcionamento desses junto a órgãos governamentais de cunho educacional, ainda que esta nomenclatura cause certo estranhamento em virtude do termo “livre” ser bastante multifacetado.

É válido salientar, ainda, que esses estabelecimentos de ensino privado de línguas já foram, inclusive, citados no documento oficial *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* do Ministério da Educação (BRASIL, 2006). Ao discorrer sobre os

casos de instituições regulamentadas pelo MEC que têm optado por inserir em seus espaços formativos aulas de LE, fora da grade curricular, o documento afirma que:

Essas instituições abrem uma estrutura paralela em forma de centro de línguas para seus próprios alunos, com organização semelhante as dos **cursos de idiomas** : turmas menores e formadas segundo o nível linguístico identificado por testes de conhecimento do idioma estrangeiro; horários fora da grade escolar e aulas ministradas pelo professor da escola [...] (BRASIL, 2006, grifo meu).

Entende-se, assim, que uma não regulamentação pelo Ministério da Educação tende a eximir essas unidades de ensino da obrigatoriedade de obter, por parte deste Ministério, credenciamento institucional, autorização e reconhecimento de curso para funcionar plenamente. No que concerne à certificação, acredita-se que toda instituição concebida como curso livre pode vir a emitir certificado ao educando em conformidade com a carga horária dos seus programas de ensino, que, geralmente, podem variar quanto às horas, meses e/ou anos de duração. Da mesma forma, cabe à instituição elaborar o seu programa de curso, gerenciar o seu quadro de funcionários – o que requer, sobretudo, estabelecer critérios próprios de contratação, treinamento etc. No que diz respeito aos professores, cabe ainda salientar que nesses espaços de ensino é possível encontrar comumente profissionais licenciados e não licenciados ministrando aulas de LE. Cada uma das representações com características bastante próprias, em vista da formação que estes receberam para atuação profissional (SOUZA, 2013a).

De acordo com Souza (2013b), em termos estruturais, observa-se que os CLs em âmbito nacional podem ser classificados em três tipos específicos: os **institutos/centros binacionais, cursos franqueados e escolas independentes** . **Centros binacionais** são instituições mais tradicionais, bem mais preocupadas com a qualidade. Aparentemente, eles desenvolvem um trabalho sério, com uma proposta de atuação menos comercial do ponto de vista do mercado expansivo-econômico. Muitos operam sob a nomenclatura de instituto, cujo objetivo principal é promover e divulgar a cultura dos países da língua alvo, em especial, Inglaterra e Estados Unidos. Grande parte dessas escolas adota um aparato metodológico convencional, atrelado a um plano didático.

Por outro lado, definimos os **cursos franqueados** como sendo escolas que operam sob o mesmo nome dentro de um sistema de franquia. Esse tipo de prática organizacional lança mão do uso de concessão e transferência de marca (bandeira),

recursos tecnológicos, consultoria operacional, produtos ou serviços. Escolas dessa natureza investem fortemente em propaganda e empregam professores que podem variar quanto à formação especializada. Ressalta-se que nessas escolas o livro didático ocupa um papel fundamental. Ele é indispensável para o desenvolvimento dos programas de ensino – um norteador das práticas desenvolvidas em sala de aula pelo professor. Isso se deve muito ao fato de que é de grande interesse dessas instituições comercializarem material didático seriado em massa. Muitas dessas escolas, inclusive, são vinculadas a editoras próprias. O sistema de franquia não só deixa de levar em conta as qualidades do professor, como também o limita, engessando muitas vezes o seu poder de criação. O professor se vê imerso em uma série de fórmulas de sucesso (receitas mágicas), sequências de rotinas, enfim, práticas, por vezes, descontextualizadas. As aulas se tornam uma repetição de procedimentos e rotinas adquiridos quase sempre nos treinamentos oferecidos pela própria rede franquadora.

Finalmente, chamamos de **escolas independentes** aqueles espaços de ensino-aprendizagem de LE que são criados pela iniciativa de profissionais qualificados, com competência própria, que, em sua maioria, já tiveram a experiência de passar por uma franquia, porém, dispensam a receita didática e a estrutura operacional de um franquador. A base de divulgação de muitas dessas escolas é a política do **boca a boca**. Embora esse tipo de propaganda seja uma interessante fonte de informação para atrair novos alunos, se não tiver um bom investimento por parte da escola, torna-se muito difícil a manutenção delas no competitivo mercado de ensino privado de línguas, em virtude da acirrada concorrência com as grandes franquias.

Uma análise ergológica e dialógica

Investigar a fala do professor de inglês de CLs sobre o seu trabalho, à luz da perspectiva ergológica e dialógica, é lançar um olhar de análise sobre a atividade docente nesses *loci* de atuação profissional e toda complexidade que perpassa a vida do ser humano enquanto um sujeito que usa a língua como possibilidade concreta de interação verbal (SOUZA, 2014).

Interessa-nos, portanto, nesta rota de investigação, mobilizar alguns conceitos advindos da abordagem ergológica e a intersecção desses com a concepção dialógica de linguagem. Primeiramente, cabe-nos pontuar que a Ergologia é uma abordagem

pluridisciplinar cujo surgimento se deu na França entre os anos de 1980 e o final da década de 1990, com o intuito de intervir nas situações de trabalho (MOTTA, 2012: 73).

Podemos afirmar que os estudos de base ergológica surgiram a partir de reflexões desenvolvidas pelo filósofo francês Yves Schwartz, partindo, inclusive, de conceitos provenientes da Ergonomia Situada da Atividade francesa sobre a relação dicotômica existente entre o trabalho prescrito e o real. Nessa vertente, verifica-se que o trabalho prescrito não se concretiza, de fato, como o trabalho realizado.

Dessa maneira, para a Ergonomia Situada, o termo “trabalho prescrito” refere-se ao trabalho que é designado pela empresa ao trabalhador em consonância com condições previamente determinadas e cujos resultados a serem alcançados são esperados. Nesse caso, este tipo de trabalho é considerado a **tarefa**, visto que é estabelecido *a priori*, constituindo-se num conjunto de normas e procedimentos que precisam ser seguidos no desenrolar da situação de trabalho. Em contrapartida, entende-se por “trabalho real” o que o trabalhador faz, de fato, almejando dar conta de sua tarefa, levando em consideração condições reais de realização e com resultados efetivamente atingidos. Esta é a sua **atividade**, ou seja, o modo como o trabalhador cumpre os seus objetivos (FREITAS, 2010: 71-72).

É possível dizer que no que tange à concepção de **linguagem** humana, discorrer sobre suas diferentes noções é uma tarefa bastante laboriosa. Da mesma forma, o termo **trabalho**, por ser complexo e multifacetado, pode ser investigado a partir de diferentes perspectivas. A esse respeito, tem-se que:

As várias práticas científicas que têm por objetivo o trabalho se constituem a partir de pontos de vista específicos [...] Nesse sentido, há múltiplas ciências do trabalho e não se pode pretender abordar uma realidade tão complexa a partir do ponto de vista de uma só área do saber. [...] (SOUZA-E-SILVA, 2002: 63, grifos da autora).

Por essa razão, na medida em que o termo trabalho pode ser apreendido de diversas maneiras, a depender do enfoque que se pretende tomar, cabe-nos pontuar que nos apropriaremos da concepção ergológica para deprendermos o sentido de trabalho que nos é caro neste estudo. E ao considerar a relação intrínseca que há entre **trabalho** e **linguagem**, e toda a complexidade deste entrelaçamento, formular uma proposta de investigação que abarque conceitos de outras disciplinas se faz necessário. Como bem salienta Nouroudine (2002),

quando a linguagem é ela própria trabalho, isto é, funciona como parte legitimada da atividade, ela adota, ao mesmo tempo em que revela, essa complexidade. Portanto, complexidade do trabalho e complexidade da linguagem, de um certo ponto de vista, se confundem. A linguagem como trabalho não é somente uma dimensão, dentre outras, do trabalho, mas ela própria se reveste de uma série de dimensões (NOUROUDINE, 2002: 21).

O enfoque teórico que nós pretendemos adotar leva em conta o recorte metodológico desenvolvido por Lacoste (1998), em que a autora faz uma distinção entre a **linguagem como, no e sobre** o trabalho. Assim, a linguagem **como** trabalho é aquela que é usada durante e para a realização da atividade. Por outro lado, a linguagem **no** trabalho é a que não se relaciona diretamente com a execução da atividade, mas que se realiza na própria situação de trabalho. No entanto, quando o assunto se refere à linguagem **sobre** o trabalho, há de se considerar a linguagem enquanto o resultado da produção de saberes acerca da atividade em si, ou durante a sua concretização, entre os próprios atores das práticas de linguagem, ou em algum questionamento posterior (LACOSTE, 1998).

A partir da interface que se cria entre trabalho e linguagem, é preciso considerar que:

(...) O diálogo entre teorias é importante, mas não podemos, ao acionar o discurso dos teóricos que compõem o Círculo, deixar de levar em conta que, em suas obras, a referência a texto como enunciado concreto implica sempre fatores como a posição social, histórica e ideológica dos interlocutores, as condições em que se deu a interação entre eles, os demais discursos que entram em relação dialógica com o enunciado etc. (SILVA, 2013: 55).

Acreditamos que as contribuições do Círculo de Bakhtin acerca da concepção dialógica de linguagem podem nos auxiliar na construção de uma rota metodológica de produção de falas de professores de inglês de cursos livres sobre o seu trabalho. Assim, os enunciados produzidos devem, portanto, ser entendidos como eventos dialógicos – pois, em vez de apenas responderem a questões da investigação, eles tendem a atuar como um momento de interação da comunicação verbal na perspectiva discursiva. Por isso,

na teoria de Bakhtin, ou análise dialógica do discurso, a ideia de dialogismo está ligada à própria concepção de língua como interação verbal. Afinal, não existe enunciado concreto sem interlocutores. O próprio fato de um autor levar em consideração seu interlocutor direto ou indireto quando produz um enunciado já confere à língua esse caráter dialógico (SILVA, 2013: 52).

De acordo com Souza-e-Silva (2002),

eleger as interações no trabalho como objeto de estudo traz como consequência a necessidade de uma nova postura por parte do(a) linguista, que é obrigado a recorrer a noções e/ou categorias de análise advindas de outras disciplinas e a fazer empréstimos diversificados no âmbito de sua própria disciplina, sem abrir mão [...] da noção de dialogismo, princípio constitutivo da linguagem [...] (SOUZA-E-SILVA, 2002: 63).

Nessa perspectiva, o linguista ocupa um papel fundamental, colocando em diálogo esses enunciados, e identificando as vozes presentes neles. Para Bakhtin (2011: 275), “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro [...]”. Em outras palavras, a partir da dimensão que se estabelece ao situar um objeto de análise na interface entre a Linguística e concepções do campo das Ciências do Trabalho, e tendo consciência de que a compreensão do todo do enunciado é dialógica, cabe afirmar que o pesquisador linguista desempenha um papel crucial, participando ativamente de um momento de construção dialógica ao lançar sua lente sobre enunciados concretos. Pois como bem pontua Bakhtin (2011):

A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas); o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa). [...] Um observador não tem posição fora do mundo observado, e sua observação integra como componente o objeto observado (BAKHTIN, 2011: 332).

Aspectos metodológicos e considerações finais

No que concerne ao procedimento metodológico, optar-se-á pelo emprego do instrumento de pesquisa entrevista – enquanto evento dialógico, e importante

instrumento de acesso a situações de fala sobre o trabalho de determinado grupo –, tendo como participantes o professor-pesquisador, dois professores licenciados e dois professores não licenciados, com experiência de tempo de serviço comprovado em CLs.

Atualmente, estamos trabalhando na construção do roteiro para o evento entrevista, adaptado do enquadre metodológico de Daher (1998) e Fernandes (2013). No roteiro que propomos, tem-se a constituição de saberes que tendem a nos auxiliar na apreensão do trabalho do professor de inglês em CLs, a partir da divisão em blocos temáticos, onde se apresentam objetivos, levando a questionamentos, que suscitam conjecturas, as quais dão origem a perguntas específicas.

Nesse caso, os objetivos (quadro 1) são aqueles que conduzem a formulação das perguntas de cada bloco, como ilustrado abaixo:

Quadro 1: Roteiro provisório elaborado para o evento entrevista

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS	QUESTIONAMENTOS	CONJECTURAS	PERGUNTAS
SABERES DA FORMAÇÃO	Obter informações sobre a formação do professor.	Qual o percurso formativo do profissional que ministra aulas de inglês em CLs?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Relato de experiências como estudante em cursos de idiomas; 2. Relato da formação inicial em ambiente acadêmico; 3. Relato de formação continuada. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como se deu a sua formação como professor de inglês? 2. Quais aspectos da formação em ambiente acadêmico contribuíram para a sua concepção de trabalho em CLs? 2. Ainda realiza estudos relacionados à língua inglesa?
SABERES DA EXPERIÊNCIA	Identificar as experiências de trabalho do professor de inglês em CLs.	Quais são as experiências profissionais de professores de inglês de CLs?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Relato de experiência profissional pré-/em serviço; 2. Relato de experiência de trabalho em diferentes CLs. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Em quais cursos dessa natureza você trabalhou como professor de inglês e por quanto tempo? 2. Em que medida o exercício docente nessas instituições contribuiu com sua experiência profissional?
SABERES DA ATIVIDADE	Depreender o que diz o professor sobre o seu trabalho.	Quais aspectos o professor ressalta ao falar sobre sua atividade profissional nesses espaços?	O professor transcorre sobre as particularidades da atividade docente nesses ambientes de ensino, considerando aspectos da prática de sala de aula, bem como da própria dinâmica institucional: vínculo, tarefas, treinamentos, capacitação etc.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Onde você trabalha atualmente? 2. Fale um pouco sobre o trabalho que desempenha e o processo pelo qual passou para ingressar nela. 3. Você acha que no processo de seleção foi levado em conta a sua experiência em outras instituições ou a sua formação?

Fonte: Desenvolvido por mim a partir dos modelos de Daher (1998) e Fernandes (2013)

Finalmente, por se tratar de um recorte baseado em um projeto de dissertação em fase de desenvolvimento, no qual os procedimentos para a produção do *corpus* ainda estão no início, não há resultados de análise que possam ser apresentados. Espera-se, assim, não apenas investigar as falas dos professores de inglês de CLs sobre o seu

trabalho, mas, sobretudo, trazer contribuições no que diz respeito à compreensão da complexidade do trabalho do professor de línguas que atua nesse contexto específico de ensino-aprendizagem de LE, dando visibilidade para que esse sujeito e o seu trabalho sejam reconhecidos profissionalmente como legítimos dentro de determinada comunidade.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRASIL. *Orientações Curriculares Nacionais de Línguas Estrangeiras para o Ensino Médio – Língua Inglesa* – (OCEM). BRASÍLIA, MEC, 2006.
- DAHER, D. C. Quando informar é gerenciar conflitos: a entrevista como estratégia metodológica. *The ESPecialist*, São Paulo, v.19:287-304, 1998.
- FERNANDES, M. S. S. *Ensino regular e curso livre de idiomas: a fala do professor de espanhol sobre o seu trabalho*. Niterói, 2013. 132f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal Fluminense (UFF).
- FREITAS, L. M. A. *Da fábrica à sala de aula: vozes e práticas tayloristas no trabalho do professor de espanhol em cursos de línguas*. Rio de Janeiro, 2010. 359f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas). Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- LACOSTE, M. Fala, atividade, situação. In: DUARTE, F.; FEITOSA, V. (Orgs.). *Linguagem & trabalho*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1998.
- MOTTA, A. R. *Análise do discurso e ergologia: o sujeito na atividade de trabalho*. Revista MOARA n.38: 70-80, jul.-dez., 2012, Estudos Linguísticos.
- NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (Orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SCHÜTZ, R. Como abrir uma escola de inglês? In: *English made in Brazil*. Disponível em <<http://www.sk.com.br/sk-abrir.html>>. Atualizado em: 08 de agosto de 2011. Acesso em: 26 de dezembro de 2011.
- SCHWARTZ, Y. *Reconnaissances du travail – Pour un approche ergologique*. Paris: PUF, 1997
- SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SOUZA, C. F. Ecos do trabalho docente em cursos livres de idiomas: trilhas investigativas de práticas linguageiras do professor de inglês. In: *25ª Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste – GELNE*, 2014, Natal. Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE. Natal. RN: EDUFRN, 2014. p.1-11.

SOUZA, C. F. *Representações do exercício docente em cursos livres de idiomas: reflexões acerca de relações dicotômicas no ensino de língua inglesa*. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v.15, n.1: 31-45, jan./abr. 2013a.

SOUZA, C. F. *O professor de língua inglesa em cursos de idiomas: uma análise crítico-reflexiva do exercício docente nesse “locus” de ensino-aprendizagem de LE/Inglês*. Revista Contexturas, n.21:53-74, 2013b. ISSN: 0104-7485.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. A dimensão linguageira em situações de trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (Orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.

TRINQUET: *Trabalho e educação: o método ergológico*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial: 93-113, ago.2010 – ISSN: 1676-2584.